

As novas faces do fascismo

Populismo e a
extrema direita

Enzo
Traverso

**As Novas Faces do Fascismo
Populismo e a Extrema-Direita**

Direitos para português: Âyiné, Belo Horizonte

Adaptação da edição brasileira: Alda Sousa, Paula Sequeiros

Grafismo: Tiago Tavares

Fotomontagem de capa: fotos © Mohamed Abdelghaffar

@pexels.com e Tobias Rademacher @pexels.com



Edições Combate
Rua da Palma, 268
1100-394 Lisboa
www.combate.info

ISBN: 978-989-33-7071-1

Depósito legal: 539742/24

Impresso em outubro de 2024 por Rainho & Neves, Santa Maria da Feira

As novas faces do fascismo

**Populismo e a
extrema direita**

Prefácio

Para assinalar o seu percurso de resistência no cinquentenário da Revolução de Abril, as edições Combate escolhem a obra de Enzo Traverso, *As Novas Faces do Fascismo*.

Escrita por um dos intelectuais vivos mais completos e inspiradores, a obra tem diversas edições e marcas temporais¹: a francesa (Traverso 2017), a castelhana (2018), a inglesa (2019), que abriu o seu espaço de divulgação, e a brasileira (2023). O texto foi adaptado para português de Portugal por Alda Sousa e Paula Sequeiros, a partir da edição brasileira.

O livro tem três partes: a primeira analisa o pós-fascismo, as suas ligações e «premissas», do populismo à islamofobia; a segunda é sobre o fascismo e as suas interpretações, sobre os legados do antifascismo e do totalitarismo, na convocatória para a «escrita crítica da história»; a terceira é uma reflexão mais recente (2021) que atualiza o conceito de pós-fascismo, abordando os riscos das viragens, biopolítica e autoritária.

A leitura deste livro está marcada pela intensidade da reflexão, da interpelação constante, e pelo confronto com ideias arrumadas. Para evitar o conforto das ideias e soluções pré-definidas, escava na história para revelar as diferenças entre presente e passado: a natureza atual das elites e o seu resguardo na UE, o poder do *homo economicus* ou da comunicação social, a islamofobia galopante, distinta do antisemitismo do passado, ou o papel constitutivo do anticomunismo e da violência no fascismo, não replicado por esta extrema-direita que vive dentro do sistema e dele se alimenta.

Para a interpretação dos dias e a introdução do conceito de pós-fascismo, Enzo Traverso adjectiva o de fascismo como tão «inapropriado» quanto «indispensável», assinalando o século XXI como o tempo da globalização da extrema-direita, com um pico entre 2016 a 2018, com Trump, Bolsonaro, Le Pen. Se bem que o crescimento da nova extrema-direita no mundo ocidental tenha raízes anteriores na afirmação do neoliberalismo e da globalização, nos seus excluídos, deserdados e convertidos, a eleição de Trump acelerou o crescimento destas forças e a contaminação da direita tradicional, esboroando-se as exceções, como a alemã ou a portuguesa, julgadas protegidas pela memória do fascismo e da luta.

¹ Por exemplo, no prefácio da edição castelhana a referência ao populismo de esquerda, herdeiro de Lacombe, como possibilidade de enfrentamento do pós-fascismo não resistiu ao tempo.

O conceito de pós-fascismo, que se distingue sem equívocos do neofascismo – o Chega não é a Nova Ordem Social, cujos líderes, entretanto, absorveu – é uma dádiva operacional de Traverso para os dias que vivemos. Convoca para o que é diferente e exige outros instrumentos de luta, revela mais transição e realidade em mudança do que realidade acabada, obriga, assim, a pensar e a agir todos os dias, e denuncia o comodismo de quem vê a história a repetir-se, fantasiando com a reedição da frente antifascista² abraçada ao centro político, quando o «extremo-centro»³ – ameaça todos os dias o trabalho, os direitos, a segurança, a esperança, alimentando a extrema-direita.

Esta obra desacomoda, provoca, exige, porque se a nova extrema-direita coloniza a direita tradicional, na anorexia da utopia e de vidas desenhadas pelas leis do mercado, convém não esquecer que o pós-fascismo é neoliberal, não é estatista, como no passado. Cresce dentro do sistema que o normaliza, sabe-se produto da raiva e multiplicado pela comunicação social, e não convoca a Revolução, como no passado, para deitar abaixo o sistema, com estrondo e violência. Com efeito, no passado, a retórica da revolução inflamou e mobilizou, e até Salazar evocou o mandato da «revolução triunfante» na posse dos corpos gerentes da União Nacional, mas tanto aqui como em obra mais recente, Enzo Traverso insiste na dimensão contrarrevolucionária da «revolução fascista» (2022, p. 21-22).

Como alguma literatura, Enzo Traverso escolhe ver o populismo como «estilo» e convida-nos a perceber o vazio de programa de Trump, o «grau zero da ideologia» em Macron ou as indefinições de Le Pen. Sendo certo que o pós-fascismo não se tem apresentado sob o manto de uma visão do mundo alternativa, ou do «homem novo» do fascismo, não há menos ideologia no «fim das ideologias», ou nas políticas ultraliberais de Macron, ou na «América grande», ou na comoção destes agressores feitos vítimas, reificados pelo ódio e pela construção de inimigos.

Enquanto as elites se sentirem confortáveis, a extrema-direita puxará para si a direita e potenciará a viragem do centro à direita, mas ela é já um seu seguro de vida: pela absorção do medo e da insegurança convertidos em ódio e descrença na democracia, pelos ataques ao estado social e/ou a pela sua defesa nativista, ou pelo ódio «normalizador» contra feministas, pessoas LGBTQI+, ecologistas, migrantes.

Por cá, a memória da ditadura e da Revolução não foi antídoto contra os ventos da Europa e, em particular, de Espanha. De pouco vale, pois, que estas formações estejam demasiado reféns das agendas nacionais, quando a sua normalização está na moda, como quando von der Leyen abraça Meloni. Eles já não querem apenas ser vistos como uma alternativa normal, como Enzo Traverso

2 Aqui e em obra anterior (2001), Enzo Traverso analisa o antifascismo nas suas modulações.

3 Conceito de Tariq Ali (2015) a que Enzo Traverso recorre para retratar as elites neoliberais.

relewa em relação a Trump ou Le Pen, entretanto, desdiabolizados pela comunicação social e pelas redes sociais, eles são legitimados como alternativa. Mas quem ler este livro, perceberá que não pode haver nem normalização, nem desistência, mas exigência de um projeto alternativo de esquerda, ainda pela dívida com a Revolução de Abril. Com Enzo Traverso (2022, p. 20), a visão da Revolução como respiração da História, na procura da sua dimensão emocional, e da sua relação com a explosão artística, e com Fernando Rosas (2023, p. 98), a inscrição dessa «torrente onde se misturava a alegria redentora da libertação com a esperança sem fim, com a vontade inadiável da mudança e também a raiva contra a opressão, a exploração e o medo do passado relativamente ao qual era preciso fazer justiça, para que não voltasse, nunca mais».

Cecília Honório

ALI, Tariq, 2015. *The extreme centre: a warning*. London: Verso.

ROSAS, Fernando, 2023. *Ensaio de Abril*. Lisboa: Tinta-da-china. p. 98.

TRAVERSO, Enzo, ed., 2001. *Le totalitarisme: Le XXe siècle en débat*. Paris: Seuil.

TRAVERSO, Enzo, 2017. *Les nouveaux visages du fascisme*. Paris: Les Éditions Textuel.

TRAVERSO, Enzo, 2018. *Las nuevas caras de la derecha: ¿Por qué funcionan las propuestas vacías y el discurso enfurecido de los antisistema y cuál es su potencial político real?* Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

TRAVERSO, Enzo, 2019. *The new faces of fascism: populism and the far right*. London: Verso.

TRAVERSO, Enzo, 2023. *As novas faces do fascismo: populismo e extrema-direita*. Belo Horizonte: Editora Ayiné.

TRAVERSO, Enzo, 2021. *Twenty-first century fascism: where we are*. *New Politics*, 18, 3, p. 39–42.

TRAVERSO, Enzo, 2022. *Révolution: une histoire culturelle*. Paris: La Découverte.

Sumário

Agradecimentos	3
PARTE I: O Presente como História	5
<i>Capítulo 1 Do Fascismo ao Pós-Fascismo</i>	
Definições	7
Europa	11
Populismo	17
Trump	21
Antipolítica	27
Intelectuais	31
Nação	33
Macron	35
<i>Capítulo 2 Identitarismo de direita</i>	
Políticas de Identidade	41
Laïcité	45
Interseccionalidade	53
Identidade e Memória	57
Religião Civil	59
<i>Capítulo 3 Espetros do Islão</i>	
Antissemitismo	61
Islamofobia	67
Judeofobia	71
Fascismo Islâmico?	75
PARTE II: História no presente	85
<i>Capítulo 4 Interpretando o Fascismo</i>	87
Cultura	91
Ideologia	99
«Revolução»	103
O Uso Público da História	113

<i>Capítulo 5 Antifascismo</i>	
Revisionismos	121
«Anti-antifascismo»	125
Silogismos	129
Equivalências	133
«Zona Cinzenta»	135
<i>Capítulo 6 Os Usos do Totalitarismo</i>	137
Fases na História de um Conceito	139
Mudando da Teoria Política para a Historiografia	143
Comparando a Violência Totalitária	147
Padrões Históricos	151
Comparando as Ideologias Nazi e Estalinista	153
ISIS e totalitarismo	159
Conclusão do capítulo	161
 <i>Conclusão</i>	 165
 PARTE III: Fascismo do Século XXI: onde estamos	 171
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 181

Agradecimentos

Este livro tem antecedentes peculiares. Começou como uma longa entrevista gravada em Paris em 2016, na preparação de uma eleição presidencial francesa que viria a ser dominada pela ascensão da Frente Nacional de Marine Le Pen. Régis Meyran, um amigo e jornalista que trabalha para a editora Textuel, preparou um conjunto de perguntas que enquadraram as nossas conversas. Encontrámo-nos novamente após a inesperada vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos. Partindo de uma ansiedade política ancorada no presente, a entrevista procurou uma perspectiva baseada sobretudo em mais retrospectiva histórica sobre fenómenos muito recentes. A dramática ascensão da extrema-direita em quase todos os países da União Europeia desperta poderosamente os fantasmas do passado e levanta novamente a questão: o que é o fascismo? Ainda faz sentido falar em fascismo no século XXI? Espero fornecer alguns elementos para uma resposta provisória, para esclarecer esta paisagem sombria, ligando o presente às suas premissas históricas. Sebastian Budgen, da Verso, pediu-me que transformasse essa conversa num só livro, o que fiz com a anuência do Régis e com a ajuda de David Broder que traduziu o texto do original em francês. Assim, retrabalhei completamente o texto: reformulando, matizando e, às vezes, atualizando ideias à luz de desenvolvimentos mais recentes. Apesar do âmbito histórico geral e abrangente, a génese deste livro explica o seu foco francês — particularmente no que diz respeito às questões de imigração, colonialismo e islamofobia. Mas isso refere-se exclusivamente à Parte I («O Presente como História», um piscar de olhos a Paul Sweezy), enquanto que a Parte II («A História no Presente») lida com as formas através das quais os legados do fascismo, do antifascismo e do totalitarismo assombram os nossos debates intelectuais e políticos atuais. Esta parte fornece uma análise crítica dos usos e abusos dessas categorias num campo historiográfico que está longe de ser uma torre de marfim «neutra», apartada do som e da fúria do presente. O livro inclui três textos que apareceram originalmente em revistas e coletâneas. Uma primeira versão dos capítulos 4 e 6 foi publicada em *Constellations* (vol. 15, nº 3, 2008) e em *History and Theory* (vol. 56, nº 4, 2017). O capítulo 5 foi originalmente incluído em *Rethinking Antifas-*

cism, as atas de uma conferência sobre antifascismo editada por Hugo García, Mercedes Yusta, Xavier Tabet e Cristina Clímaco (New York: Berghahn Books, 2015). Este livro não existiria sem as minhas conversas originais com Régis Meyran, a tradução de David Broder e a sugestão de Sebastian Budgen de o transformar num texto diferente em inglês. Muito obrigado a todos eles.